

## O ESPAÇO CIDADE: UMA OPÇÃO DE LAZER EM CURITIBA (PR)

**Recebido em:** 10/12/2008

**Aceito em:** 10/08/2009

*Marcelo Ponestki Oliveira  
Simone Rechia*

Universidade Federal do Paraná  
Curitiba – PR – Brasil

**RESUMO:** A cidade de Curitiba (PR) possui reconhecimento nacional e até internacional de “cidade modelo”. Embora sejam reconhecidos os conflitos e contradições no processo de criação de uma marca para a cidade, o urbanismo pautado em projetos arquitetônicos modernos e inovadores construídos em meio à natureza auxiliaram na instalação de parques, bosques, praças e outras Unidades de Conservação com acesso público. Nesse sentido, buscaram-se nos referenciais teóricos a justificativa de Curitiba e suas relações ambientais, assim, como esses espaços podem ser considerados potencializadores de experiências no âmbito de lazer. A pesquisa reforça que além da preservação de áreas verdes tais espaços oportunizam vivências no campo do lazer e cultura, o que de certa forma lhes confere uma identidade peculiar com aspectos positivos para a comunidade local e um avanço no planejamento urbanístico de Curitiba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Planejamento Urbano. Espaço Urbano.

### THE CITY SPACE: A LEISURE OPTION OF CURITIBA (PR)

**ABSTRACT:** Curitiba (PR, Brazil) has national and international recognition as a “standard city”. Although the conflicts and contradictions in the process of the creation of a mark for the city are recognized, the urbanism made by modern and innovative architectonic projects made among the nature assisted in the installation of parks, woods, squares and others Conservation Units with public access. This way, it was researched in theoretical references the reason of Curitiba and its environmental relations, therefore, how these places can be considered improvers of the experiences in the leisure scope. The research reinforces that beyond the preservation of the green areas these places give opportunity for the contact in the leisure and cultural scopes, what in some way awards it an especial identity with positive aspects to the local community and an advance in the urban planning of Curitiba.

<b>KEYWORDS:</b> Leisure. City Planning. Urban Space.
-------------------------------------------------------

## **Introdução**

Curitiba é a capital do estado do Paraná localizado na região Sul do Brasil. A cidade é famosa pelo reconhecimento nacional e até mundial de cidade modelo, assumindo diferentes conotações como a de “cidade modelo”, “cidade humana”, “cidade planejada”, “capital ecológica”, “capital da qualidade de vida”, “capital brasileira de primeiro mundo”, entre outras. As estratégias adotadas pelo poder público e apelos midiáticos em busca da imagem construída se apóiam na criação de mitos de elevado conteúdo simbólico e solidificam uma atualização radical do exercício do poder e de gestão urbana local ao longo dos anos.

Este fenômeno refletiu diferentemente em vários campos da sociedade, destacando, como exemplo, os setores de planejamento urbanístico, políticas públicas, esporte, lazer e cultura. Dentre os projetos arquitetônicos da cidade podemos destacar seu sistema diferenciado de transporte coletivo e sua relação ambiental, que a colocam como capital ecológica, principalmente a partir da década de 90 do século XX quando ambos os setores buscaram se apropriar das tendências ecológicas que estavam em vigor tanto no âmbito nacional quanto internacional.

A beleza arquitetônica da capital paranaense reúne modernos e ousados projetos e instalações urbanas buscando uma aproximação com o meio natural. A idéia de integrar homem e natureza pode ser observada no crescente número de áreas verdes em espaços urbanos privilegiando os espaços destinados a experiências no tempo e espaço do lazer, esporte e cultura.

Nesse sentido, este artigo é uma revisão bibliográfica que traz como eixo central o planejamento urbano, a criação das Unidades de Conservação em meio urbano e a apropriação destes por parte do homem moderno como uma possibilidade de desfrutar o seu tempo e espaço de lazer.

Para tanto, buscou-se na história do planejamento urbano da cidade reconhecer quais as principais influências desse processo, bem como de que forma foram idealizadas e criadas as chamadas Unidades de Conservação de Curitiba e ainda como esses espaços passaram a se constituir em territórios privilegiados da cidade.

### **O Espaço Público: Planejamento Urbano de Curitiba**

A cidade, como paisagem artificial criada pelo homem, é um mundo de ruas, casas, edifícios, parques, praças, avenidas, num misto entre espaço natural e criado, formado por objetos e imagens movimentada pela dinâmica entre a vida pública e privada, onde se articulam tempo/espaço, política, trabalho, cultura, consumo, lazer, entre outras dimensões. Portanto, o cotidiano das sociedades urbanas giram em torno de objetos fixos, naturais ou criados, aos quais se aplica o trabalho, cruzado por fluxos de pessoas, produtos, mercadorias e idéias, diversos em volume, intensidade, ritmo, duração e sentido. Desta forma, as grandes cidades contemporâneas constituem-se em múltiplas práticas sociais. (RECHIA, 2003, p. 1).

As palavras da professora Simone Rechia (2003) ensejam a apreensão do espaço cidade em plena dinâmica que a categoria exige. Embora a proposta deste trabalho se limite a apenas um recorte citadino, acreditamos que as Unidades de Conservação (UC's) presentes em Curitiba podem ser representadas através das dimensões relatadas por Rechia (2003). As múltiplas práticas sociais que ocorrem nos parques, bosques e outras UC's, “num misto entre espaço natural e criado, formada por objetos e imagens”, também se articulam em dimensões como “tempo/espaço, política, trabalho, cultura, consumo, lazer”, entre outras, que fazem o cotidiano desses espaços urbanos girar em torno de “objetos

fixos, naturais ou criados”, e o “fluxo de pessoas, produtos, mercadorias e idéias” (RECHIA, 2003, p. 1).

Nesse sentido, a dinâmica estabelecida no interior dos espaços públicos urbanos, confunde-se com as práticas sociais da própria cidade. Sendo assim, as inter-relações em questão nos remetem a analisar a história do planejamento urbano de Curitiba, que começa com a emancipação política do estado do Paraná no final de 1853 e início de 1854, elevando a cidade à capital, originando algumas reformas na infraestrutura local. Buscando a construção de uma planta para a nova cidade, foram estabelecidos alguns Códigos de Postura<sup>1</sup> e, em 1940, foi contratados pela prefeitura uma empresa de engenharia, com o objetivo de conceber um plano diretor para Curitiba. O Plano Agache, como ficou conhecido posteriormente, foi implementado em 1943 e foi responsável pela primeira tentativa de organização da cidade compreendida em seu conjunto (COUTO, 2002; OLIVEIRA, 2001).

O plano teve alguns pontos norteadores e, em termos gerais, se focou em três grandes áreas:

- 1) saneamento, com a drenagem dos banhados, canalização dos rios e ribeirões e construção da rede de abastecimento de água e coletora de esgotos; arborização de ruas e avenidas, criação de parques nos extremos da cidade e criação de um horto municipal;
- 2) circulação: descongestionamento do centro da cidade e criação das perimetrais externas (0, 1, 2 e 3);
- 3) órgãos funcionais: construção de um centro destinado às atividades administrativas, criação de um centro comercial, de um centro militar e de uma cidade universitária na periferia da cidade (OLIVEIRA, 2001, p. 97).

---

<sup>1</sup> Segundo Couto (2002), o Governo Municipal estabeleceu alguns códigos de postura sob o formato de Lei, que tinham como missão, num primeiro momento, controlar o que deveria e o que não deveria ser realizado na Cidade dentro das perspectivas do poder público, “criando uma grande estrutura técnica para a municipalidade acompanhando o crescimento da cidade” (COUTO, 2002, p. 232).

Somente em meados da década de 1950 o discurso de embelezamento, oriundo dos imigrantes europeus, passou a ser vinculado ao paradigma da modernização<sup>2</sup>, gerando a construção de alguns prédios e a reconstrução de outros mais antigos da cidade, dentre os quais se destaca o Teatro Guaira. Foram também estabelecidos novos Códigos de Posturas para garantir a formatação de beleza na região central e que contribuiu com o avanço da legislação municipal sobre o meio ambiente, colocando em pauta, por exemplo, a criação de logradouros públicos arborizados (COUTO, 2002; OLIVEIRA, 2001).

Entretanto, a década de 1960 parece ter sido fundamental no processo de planejamento e urbanização da cidade. Apoiada no planejamento urbano modernista, a prefeitura institucionalizou órgãos, criou leis, comissões técnicas e seminários, com o objetivo de rever o Plano Agache. Datam desta época, por exemplo, o IPPUC (Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba) e a Urbs (Companhia de Urbanização de Curitiba). As ações de planejamento, gerenciamento e supervisão do novo plano diretor tinham como características centrais:

- 1) crescimento linear de um centro servido por vias tangenciais de circulação rápida;
- 2) hierarquia de vias;
- 3) desenvolvimento preferencial da cidade no sentido Nordeste-Sudoeste;
- 4) policentrismo e adensamento;
- 5) extensão e adequação das áreas verdes;
- 6) caracterização das áreas de domínio de pedestres;
- 7) criação de uma paisagem urbana própria (OLIVEIRA, 2001, p. 98-99).

---

<sup>2</sup> O período modernista surge em meados do século XX no Brasil e tem como marca principal a busca pelo moderno e inovador. O conjunto de movimentos culturais pode ser percebido tanto na literatura, pintura, escultura e manifestações artísticas, na arquitetura, design quanto dentro da política. No que diz respeito ao urbanismo modernista, muito embora este tenha uma ideologia de luta pela retomada do espaço urbano pelo poder público contra o caos gerado, principalmente, pelo capitalismo, para Sousa (2001), é possível perceber suas contradições práticas capazes de aumentar a desigualdade social, entre outras citadas pelo autor.

Todo esse planejamento foi colocado em prática na década de 1960 e continuou sendo base para a estruturação da cidade durante as duas décadas seguintes, uma vez que a equipe técnica criada continuou fazendo parte da gestão pública.

Embora os documentos nas décadas de 1950, 1960 e 1970 mostrassem uma certa preocupação ambiental com algumas questões pontuais de saneamento básico, extensão e adequação das áreas verdes, arborização das vias e avenidas públicas, inauguração dos dois primeiros grandes parques públicos (Barigui e São Lourenço) e a década seguinte ter sido marcada por uma série de mecanismos legais para conservação de áreas verdes, foi somente em meados dos anos 1990 que surgiram as primeiras ações com preocupações realmente ambientais (HILDEBRAND; GRAÇA; MILANO, 2001).

Segundo Hildebrand (2001), em 1993, Curitiba atingiu o ápice em termos de legislação, criando um verdadeiro código de áreas verdes, fato inédito entre as cidades brasileiras. Tal ação foi capaz de manter e aumentar as áreas verdes, além de colocar em pauta a preservação ambiental através de termos legislativos, implementando projetos como: Câmbio Verde, Lixo que não é Lixo, a criação da Universidade Livre do Meio Ambiente, dentre vários outros que proporcionaram alguns prêmios nacionais e internacionais pelas ações ecológicas e também despertou a atenção da mídia em todo o mundo.

No que se refere à criação de uma imagem urbana própria, os governantes de Curitiba seguiram fielmente o projeto de modernidade urbana, mas, na década de 1990, a prefeitura busca se alicerçar nas recentes tendências ecológicas mundiais. Entretanto, segundo Oliveira (2001), a criação das maiores áreas de proteção ambiental surgiu nas décadas de 1970 e 1980, e não apresentava como principal meta às finalidades ecológicas

da filosofia ambientalista vigente a partir de 1990, quando, de fato, houve um avanço na legislação de preservação e proteção ambiental. Sendo assim, “não se pode creditar o incremento das áreas verdes ocorrido nos anos 70 a um discurso ambiental que somente seria formulado nos anos 90”.

[...] A função desses parques, no momento em que foram idealizados, uniu de um lado a antiga idéia “de dar água à cidade” [...] e, de outro, uma solução técnica encontrada para combater enchentes na cidade surgida quando da grande enchente que vitimou a antiga usina de curtume do São Lourenço no começo dos anos 70 [...] Vingou nesse momento a idéia de dar água à cidade emoldurando essa “água” com áreas verdes, através de obras de saneamento e infra-estrutura urbana que evitassem ao máximo possível o problema das enchentes. Nascia assim a política de criação de grandes parques (com grandes lagos-reservatório em seu interior), debitária de circunstâncias pontuais e não necessariamente ecológicas. (OLIVEIRA, 2001, p. 101-102).

Para este autor, não seria o discurso de ecologização que orientava a prática, uma vez que grande parte das áreas verdes da cidade foi criada antes dessas tendências, ou seja, a partir do discurso ambiental que surgiu em meados da década de 1990 do século XX, a própria história da cidade adquiriria um novo sentido.

A filosofia ambientalista vigente, a partir de 1990, não somente trouxe um avanço na legislação de preservação e proteção ambiental, mas também investiu em ações que buscavam criar, segundo Rechia (2003), uma identidade cultural da cidade como Capital Ecológica, conforme fica patente no trecho abaixo de um texto elaborado pelos profissionais da prefeitura, com o objetivo de difundir a ideia de que Curitiba é a Capital Ecológica:

[...] Reconhecida nacional e internacionalmente por soluções urbanas inovadoras, a cidade tem o mais eficiente sistema de transporte coletivo do país e ostenta o índice de 55m<sup>2</sup> de área verde por habitante, o que a faz ser considerada Capital Ecológica do Brasil (KRUCHELSKI; RAUCHBACH, 2005, p. 29).

No entanto, a qualificação de cidade ambientalmente correta não foi à única atribuída à cidade. As constantes mobilizações do poder público aliado aos apelos da mídia criaram outras possibilidades de modelos atribuídos à Curitiba, que passa a ser percebida como a “[...] melhor e mais inovadora cidade do país. Uma cidade onde os ônibus funcionam, ruas são limpas, funcionários públicos são educados e freqüentam-se parques e bosques nos fins de semana” (VEJA<sup>3</sup>, 1993, p. 68 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 99).

Segundo Oliveira (2001), o fato de a cidade ter sido construída com base em um Planejamento Urbanístico, deu possibilidades aos investimentos observados em setores como os da cultura, esporte, lazer, educação, meios de transporte e abastecimento, além de grandes investimentos, dos gestores, a fim de criar uma imagem positiva da cidade e elevá-la ao *status* de modelo de urbanismo, dentre outros (OLIVEIRA, 2001; RECHIA, 2003).

Para Rechia (2003), existe uma possível marca identitária<sup>4</sup> conferida à cidade. Segundo a autora, os gestores públicos responsáveis pelo planejamento e execução arquitetônica de Curitiba em ações conjuntas com a mídia, deixaram transparecer os objetivos de criar uma marca que identifique a cidade dentro de algumas perspectivas, como, por exemplo, a de Capital Ecológica. Nas palavras de Rechia (2005),

[...] percebe-se a construção e a apreciação estética da paisagem urbana como uma das marcas identitárias possíveis da cidade de Curitiba. Especificamente destaca-se a estratégia urbanística de agregar paisagens naturais, modelos arquitetônicos modernos e projetos culturais em diversos espaços públicos destinados às práticas corporais e de lazer como marca da cidade. Observa-se certa coerência de linguagem arquitetônica desses ambientes criados ou preservados, constituindo-se em premissa básica para o alcance da unidade de significados necessária à imagem sintética da ‘cidade que deu certo’. (RECHIA, 2005, p. 59).

---

<sup>3</sup> A capital de um país viável. Veja, São Paulo, 31 mar. 1993, p. 68.

<sup>4</sup> O termo “marca identitária” foi utilizado por Rechia (2003) para justificar a relação da mídia, do poder público e da população com a cidade.

Para Rechia (2003), as discussões teóricas que apontam a busca por marcas identitárias surgem como um pressuposto para atrair público e investimentos. A autora atenta para o city marketing e os conflitos e contradições desse modelo de planejamento, no qual as propostas podem ser adotadas na manipulação de padrões comportamentais de determinados públicos de modo a interferir nas decisões de consumo.

Segundo Moura (2007), as estratégias adotadas atualizam-se e aperfeiçoam-se ao longo dos anos, assumindo diferentes conotações como a de “cidade modelo”, “cidade humana”, “cidade planejada”, “capital ecológica”, “capital da qualidade de vida”, “capital brasileira de primeiro mundo”, entre outras. Para a autora, a imagem construída se apóia na criação de mitos de elevado conteúdo simbólico e solidifica uma atualização radical do exercício do poder e de gestão urbana local, associada à construção da cidade-mercadoria, cuja afirmação tem vínculos históricos com o contexto de profundas mudanças nas atividades econômicas, fluxos de consumo e de circulação de bens e serviços.

De acordo com Moura (2007), essas sínteses, de comprovada eficácia, não são exclusividade de Curitiba. A autora cita outros exemplos de “cidade modelo” como Barcelona e Cingapura, que, como em Curitiba, representam estratégias globalmente disseminadas e reproduzidas em distintas geografias que evidenciam essas cidades como modelos contemporâneos de cidades que adotaram elementos similares na composição de sínteses.

A representação sintética de “cidade que deu certo” foi fundamental para a sustentação de Curitiba como cidade modelo e a marca de modernidade urbana passa a ser reconhecida nacional e internacionalmente. O planejamento estratégico se torna o principal instrumento desse processo e a construção de imagens de marca e o city marketing

emergem como as principais ferramentas de sua execução (MOURA, 2007; RECHIA, 2005). Dessa forma, Curitiba passa a ser confundida com uma mercadoria que pode ser anunciada e vendida para a população como qualquer outro produto lançado no mercado. Para Moura (2007), esses instrumentos e sínteses são intensamente empregados na política urbana de Curitiba e nas estratégias do turismo urbanístico, que se valem do conjunto de intervenções urbanas e marcos criados na paisagem, com forte efeito transformador na imagem turística da cidade.

Segundo o IPPUC (2008), Curitiba deu um salto de 2.709.620 turistas no ano de 1997 para 7.319.475 em 2007. Em pesquisa publicada pelo mesmo instituto, foram apresentadas as definições da imagem de Curitiba segundo os turistas que visitaram a cidade (TAB. 1).

TABELA 1  
Como os turistas que visitam Curitiba percebem a imagem da cidade

Definição da Cidade	Índice (%)		
	2001	2003	2005
Cidade Ecológica	26,8	22,2	21,0
Cidade com Qualidade de Vida	40,5	37,3	33,7
Cidade Cultural	17,3	14,5	16,2
Cidade Turística	8,8	11,7	14,4
Cidade Universitária	-	-	-
Outras	6,6	14,3	14,7

Fonte: Adaptado pelos autores de IPPUC (2008).

Segundo Moura (2007), tal processo torna a imagem da cidade incontestada por determinados setores da sociedade e passa a atender ao mascaramento de algumas

realidades segundo o interesse de setores dominantes. Mas, por outro lado, a autora destaca que essa concepção da imagem é criticada por segmentos populares da sociedade civil organizada por não corresponder à realidade vivida por muitos moradores da cidade.

Tal posicionamento da autora nos remete a um olhar mais crítico. Embora a tabela mostre um grande reconhecimento de Curitiba como cidade com qualidade de vida, é ampla também a imagem de Capital Ecológica atribuída à cidade. Segundo IPPUC (2008), dentre os atrativos turísticos mais citados pelos turistas que visitaram Curitiba em 2007, mais de 50% dizem respeito às áreas de proteção ambiental.

Os achados nos remetem ao epíteto de Capital Ecológica atribuído à cidade, como faz, por exemplo, Ganz (2003)<sup>5</sup>. A autora destaca alguns problemas de cunho ecológico facilmente observados, dentre os quais se destaca a ineficiência da rede de esgoto sanitária presente não somente nas ocupações ilegais e regiões metropolitanas, mas também em grande parte da cidade, inclusive na região central, habitada por pessoas de maior poder aquisitivo, gerando a degradação dos rios de Curitiba e municípios limítrofes.

Além disso, a cidade sofre com o montante de resíduos sólidos que são produzidos pelas indústrias, comércios, hospitais e população em geral. Para Mendonça (2002), o sistema atual de coleta e destino final dos resíduos sólidos urbanos se encontra em franco esgotamento de suas capacidades e a prefeitura local e a região metropolitana ainda vivenciam enormes conflitos para o equacionamento da problemática. Ganz (2003) também atenta para a grande quantidade de lixo produzido, cerca de 1,3 mil toneladas por dia, o que se deve, em parte, ao fato de 70% da população curitibana não realizar a separação do lixo.

---

<sup>5</sup> Este trabalho foi apresentado na Semana de Tecnologia, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET/PR), sendo realizada em novembro de 2003 e disponível no endereço eletrônico: <http://www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/>.

Até mesmo um dos principais projetos para a consolidação da ideia de Capital Ecológica, o “Programa Lixo que não é lixo”, segundo Mendonça (2002, p. 5), “é ineficiente e um dos mais caros do país pois não atende às demandas sociais e onera o poder público”. Assim, fica patente uma série de fenômenos que não honrariam em nada o título de “Capital Ecológica”.

Conquanto a imagem ecológica da cidade tenha sido alavancada pela grande área de preservação ambiental (sob um índice que já foi de 55 m<sup>2</sup> de área verde/habitante e que hoje, segundo o IPPUC, 2008, é de 49 m<sup>2</sup>), para Jacobs (1996), o fato de ter uma grande área verde não garante que essa realize a purificação do ar poluído gerado pela população local, sendo um grande equívoco pensarmos os parques como “os pulmões” da cidade. Conforme comenta a autora,

São necessárias cerca de doze mil metros quadrados de árvores para absorver a quantidade de dióxido de carbono que quatro pessoas geram ao respirar, cozinhar e aquecer a casa. São as correntes de ar que circulam à nossa volta, e não os parques que evitam que as cidades sufoquem. (JACOBS, 1996, p. 99).

Sendo assim, Jacobs (1996) assinala que para a compreensão da relação existente entre as cidades e seus parques, bosques e áreas verdes é importante acabar com a confusão entre os usos “reais” e os “fantasiosos”. Para ela, para uma melhor qualidade do ar em ambientes urbanos, por exemplo, tão importante quanto proporcionar grandes áreas verdes para fornecimento de ar fresco é gerar “corredores” com espaços entre as edificações ou ruas que permitam a passagem do ar.

Para a autora, os parques públicos urbanos são comumente criados para solucionar problemas pontuais da cidade, como é o caso de Curitiba, e o uso ou não desses espaços por parte da população depende de uma série de motivos, como nas palavras de Jacobs (1996):

Os parques de bairro ou similares são comumente considerados uma dádiva conferida à população carente das cidades. Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está mais de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso. (JACOBS, 1996, p. 97).

Logo, o sucesso ou fracasso dos parques de Curitiba não dependem apenas da aprovação dos turistas, mas também da aceitação dos moradores locais e principalmente dos residentes e usuários das regiões do entorno, pois serão eles que darão utilidade aos parques e farão dele um sucesso com a dádiva da vida ou então o condenarão ao desuso e fatal fracasso. Em pesquisa publicada por Hildebrand (2001), nos principais parques de Curitiba, 75,5 % dos usuários são moradores da cidade.

Em seguida, busca-se identificar quais são as chamadas Unidades de Conservação de Curitiba e como esses espaços podem ser considerados ponto turístico ou uma dádiva conferida à cidade para que seus moradores usufruam o seu tempo e espaço de lazer ou ainda como tais locais precisam da dádiva da vida e aprovação da população local.

### **Unidades de Conservação: um olhar para o tempo/espaço de lazer**

No caso de Curitiba, a criação da marca identitária serviu também para que a comunidade local se identificasse com a cidade, fortalecendo o orgulho cívico e a lealdade

ao lugar, influenciando a identidade coletiva, assim como a apropriação social dos espaços da cidade (MOURA, 2007; RECHIA, 2003). As ações do poder público e os apelos midiáticos não orientam apenas para a atração de investimentos ligados à esfera da produção, mas também para a atração e ampliação dos níveis de consumidores internos. Em pesquisa realizada por Rechia (2005), foi observada esta tendência da população em se apropriar dos espaços públicos de preservação ambiental:

Os parques, as praças e os bosques viraram ‘praias’ dos curitibanos [...] Neles circulam, em média, 150 mil pessoas por semana. Segundo observação de campo deste estudo, das pessoas que aliam caminhadas, corridas e exercícios com pontos de encontros, principalmente nos fins de semana, às famílias de diferentes camadas ‘sociais’ que buscam espaços para as mais diversas vivências no âmbito do lazer. (RECHIA, 2005, p. 60).

Para esta autora, as ações e esforços na criação de uma marca para Curitiba proporcionaram para a população local um sentimento de pertencimento, quando os moradores da cidade e região metropolitana se identificam com os espaços públicos, no caso os parques e bosques, e passam a adotá-los para as mais variadas manifestações.

O que não se pode negar é que Curitiba possui um diferencial ao oferecer um grande número de Unidades de Conservação com acesso público. Só para servir como parâmetro, cabe aqui a reflexão sobre outras realidades brasileiras para possível comparação.

Embora Curitiba tenha, por muitos anos, divulgado que possuía o maior indicador de área verde por habitante do Brasil, o número que já foi de 55 m<sup>2</sup> e hoje é de 49 m<sup>2</sup> foi superado pela cidade de Goiânia, na região central do Brasil, que tem revelado números superiores aos da capital paranaense. Nesse sentido, busca-se descrever na (TAB.2), a seguir, características relevantes para uma análise comparativa entre as capitais.

TABELA 2  
 Comparação entre Curitiba e Goiânia

Variáveis	Curitiba	Goiânia
Total de parques e bosques de lazer	34	20
Área verde por habitante	46 m <sup>2</sup>	94 m <sup>2</sup>
Total de unidades de conservação	985	163
Total de árvores plantadas em vias públicas	300 mil	650 mil

Fonte: Adaptado pelos autores de IPPUC (2008) e Goiânia (2009).

Em uma análise comparativa, no que se refere a áreas de preservação da natureza, a cidade de Goiânia apresenta números superiores aos de Curitiba e se destaca o número de áreas verde por habitante. Curitiba sempre teve certo reconhecimento por apresentar a maior área verde *per capita* dentre as cidades brasileiras. No entanto, a capital de Goiás, por meio do sítio virtual oficial da prefeitura, vem divulgando números quase duas vezes maiores dos que os da capital paranaense. A incrível marca de 94 m<sup>2</sup> de área verde por habitante que gozam os goianos contra os 49 m<sup>2</sup> dos curitibanos só não é mais surpreendente do que o número de árvores plantadas em vias públicas. Embora a cidade da região sul do país nos mostre uma grande quantidade de árvores em meio às vias urbanizadas, totalizando aproximadamente 300 mil árvores, a arborização em vias públicas de Goiânia é muito maior, com aproximadamente 650 mil árvores.

No que se refere às UC's, segundo o IPPUC (2008), em Curitiba essas unidades podem ser estabelecidas ou assumirão suas características, objetivos e peculiaridades definidas por meio de ato do Executivo Municipal e o enquadramento e definição de Praças, Jardinetes, Jardins Ambientais, Largos, Eixos de Animação, Núcleos Ambientais como Unidades de Conservação é objeto de regulamentação específica.

Para um melhor entendimento às informações relativas aos aspectos ambientais, convém salientar as definições de UC's, sancionada pela Lei n. 9804, de 3 de janeiro de 2000 (IPPUC, 2008), conforme no quadro abaixo:

**QUADRO 1**  
Definições de unidades de conservação

I – ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APA): são áreas de propriedade pública ou privada, sobre as quais se impõe restrições às atividades ou uso da terra, visando à proteção de corpos d'água, vegetação ou qualquer outro bem de valor ambiental definido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SMMA
II – PARQUES DE CONSERVAÇÃO: são áreas de propriedade do Município destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, que possuam uma área mínima de 10 ha (dez hectares) e que se destinem à manutenção da qualidade de vida e proteção do interesse comum de todos os habitantes
III – PARQUES LINEARES: são áreas de propriedade pública ou privada, ao longo dos corpos d'água, em toda a sua extensão ou não, que visam garantir a qualidade ambiental dos fundos de vale, podendo conter outras Unidades de Conservação dentro de sua área de abrangência
IV – PARQUES DE LAZER: são áreas de propriedade do Município, que possuam uma área mínima de 10 ha (dez hectares) e que se destinem ao lazer da população, comportando equipamentos para recreação, e com características naturais de interesse à proteção
V – RESERVAS BIOLÓGICAS: são áreas de propriedade pública ou privada, que possuam características representativas do ambiente natural do Município, com dimensão variável e que se destinem à preservação e à pesquisa científica
VI – BOSQUES NATIVOS RELEVANTES: são bosques de mata nativa representativos da flora do Município de Curitiba, em áreas de propriedade particular, que visem à preservação de águas existentes, do habitat da fauna, da estabilidade dos solos, da proteção paisagística e manutenção da distribuição equilibrada dos maciços vegetais, onde o Município impõe restrições à ocupação do solo
VII – BOSQUE DE CONSERVAÇÃO: são áreas de propriedade do Município, destinadas à proteção dos recursos naturais existentes, que possuam área menor que 10 ha (dez hectares), e que se destinem à manutenção da qualidade de vida e proteção do interesse comum de todos os habitantes
VIII – BOSQUES DE LAZER: são áreas de propriedade do Município com área inferior a 10 ha (dez hectares), destinadas à proteção de recursos naturais com predominância de uso público ou lazer
IX – ESPECÍFICAS: são unidades de conservação criadas para fins e objetivos específicos, tais como: Jardim Botânico, Pomar Público, Jardim Zoológico e Nascentes

Fonte: IPPUC (2008).

Ainda que a quantidade de área verde na cidade da região central do Brasil tenha se mostrado muito superior à de Curitiba, quando se faz a análise das áreas construídas pelo poder público, buscando atender a demanda social em espaços de vivências no tempo/espaço de lazer, Curitiba ainda se apresenta como uma das mais importantes do país.

Embora a cidade sulista apresente uma condição especial em sua legislação para a criação das UC's, as aproximadamente mil unidades de conservação superam as apenas 163 unidades da outra cidade. Considerando os parques e bosques como importantes dentro dessa dinâmica, assim como são destacados pelo poder local (IPPUC, 2008; GOIÂNIA, 2009), Curitiba com 34 no total sobrepuja os 20 parques e bosques construídos em Goiânia.

Diante de tais dados citados, reforça-se que em Goiânia, diferentemente de Curitiba, o poder público local dedicou mais esforços para a conservação das Unidades de Conservação, enquanto que em Curitiba a maior utilização dos parques e bosques é motivada para o turismo e outras vivências de lazer da população local. A Prefeitura Municipal de Curitiba destina atualmente maiores esforços na manutenção e instalação de equipamentos de lazer, porém, por suas características, os parques se transformaram nos mais importantes atrativos turísticos da cidade.

Segundo o IPPUC (2008), a cidade conta com 19 parques, 15 bosques, 445 praças, 417 jardinetes, 55 largos, 31 núcleos ambientais, 15 eixos de animação, três jardins ambientais e dois centros esportivos, totalizando mais de mil áreas de lazer, sendo que algumas possuem equipamentos para a prática de exercícios físicos e outras oferecem a oportunidade para simples contemplação do meio ambiente, também importante tanto na atração e visitação dos turistas quanto na sociabilização da comunidade local.

Muitos estudos têm sido realizados nesse sentido e esses têm comprovado que os parques e genéricos de proteção ambiental de Curitiba são grandes potencializadores culturais no tempo/espaço de lazer (FRANÇA, 2007; CAGNATO, 2007; RECHIA, 2003; REIS, 2001).

Segundo França (2007),

Do ponto de vista ambiental, puderam-se assegurar vários aspectos: a preservação de alguns fundos de vale; contenção de assoreamento e poluição dos rios; proteção de mata ciliar; além da preservação da ocupação irregular desses locais. Do ponto de vista social puderam ser ofertados à população espaços destinados a proporcionar uma relação diferenciada entre as pessoas e o meio ambiente no contexto urbano, além da possibilidade de vivências no âmbito do lazer e do esporte: os parques. E do ponto de econômico e político-ideológico, esta iniciativa pôde, entre outras coisas, potencializar o turismo na cidade e impulsionar a mesma com o *slogan* de **Capital Ecológica**<sup>6</sup>.

Em relatório publicado pela Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba (CURITIBA, 2009), em que foram apresentados os dados da pesquisa VIGITEL, com relação à existência de um local para a prática de esporte ou exercício físico próximo da casa, 77% dos entrevistados responderam que tais espaços existem e, entre esses, as praças, ruas e parques foram citados em cerca de 80% dos casos. A pesquisa reforça como os curitibanos adotaram os parques públicos da cidade como uma referência das vivências no tempo/espaço de lazer e como nos relata Rechia (2003, p. 60), os parques são como se fossem “as praias” dos moradores da cidade e região metropolitana.

Desta forma, cabe analisar cautelosamente algumas influências, procurando verificar até que ponto elas atingem a comunidade, inclusive aquelas mais periféricas e carentes. Segundo Mendonça (2002), a tentativa de tornar ótima a cidade a partir da criação

---

<sup>6</sup> Grifos originais.

de uma imagem pode não corresponder fielmente à cidade real. A distribuição das áreas verdes na cidade de Curitiba, sobretudo os parques de uso público, é fortemente excludente. Para Mendonça (2002), a quase totalidade dos parques públicos urbanos, bem equipados para o lazer e a prática de esportes e de fácil acessibilidade aos cidadãos, está concentrada na porção norte da cidade, exatamente na área onde também se concentra a classe média e alta da sociedade curitibana, como se pode perceber nas a seguir nas (FIG.1).

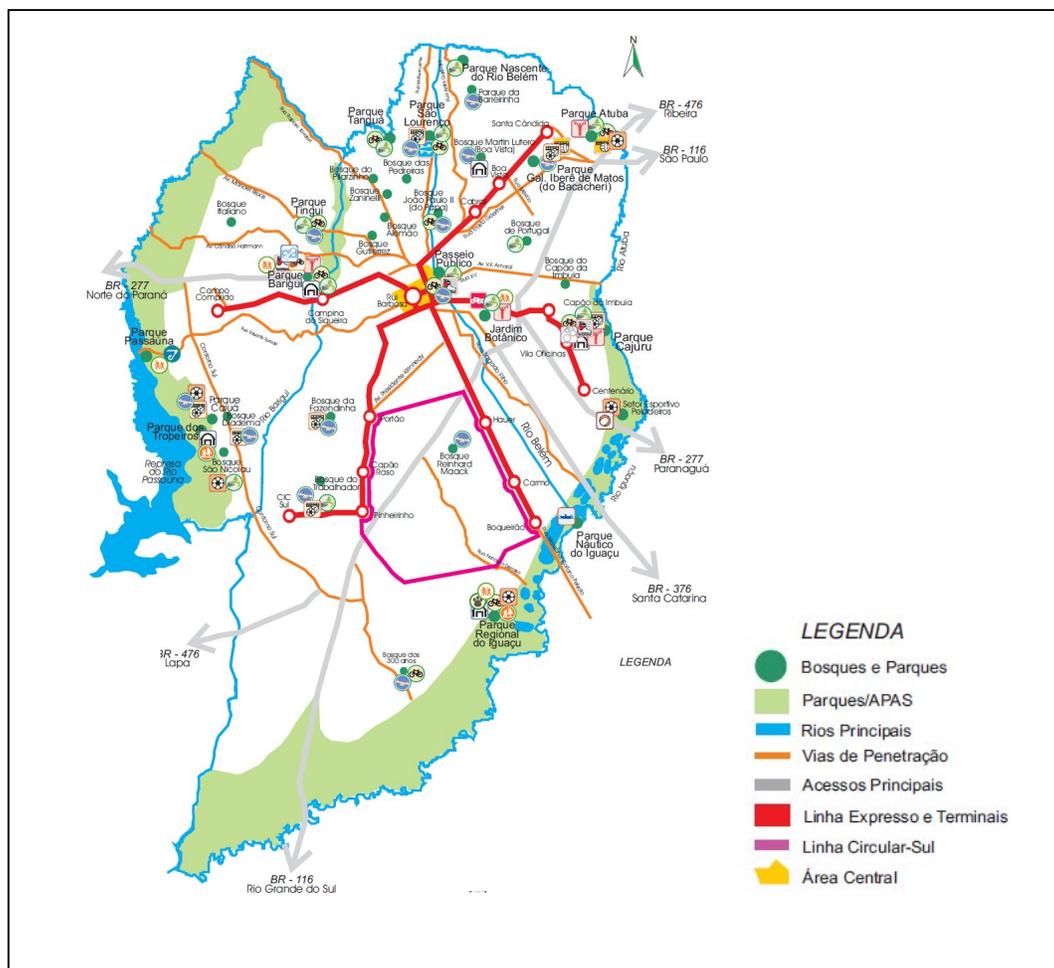


FIGURA 1- Bosques e Parques de Curitiba  
 Fonte: IPPUC (2008)

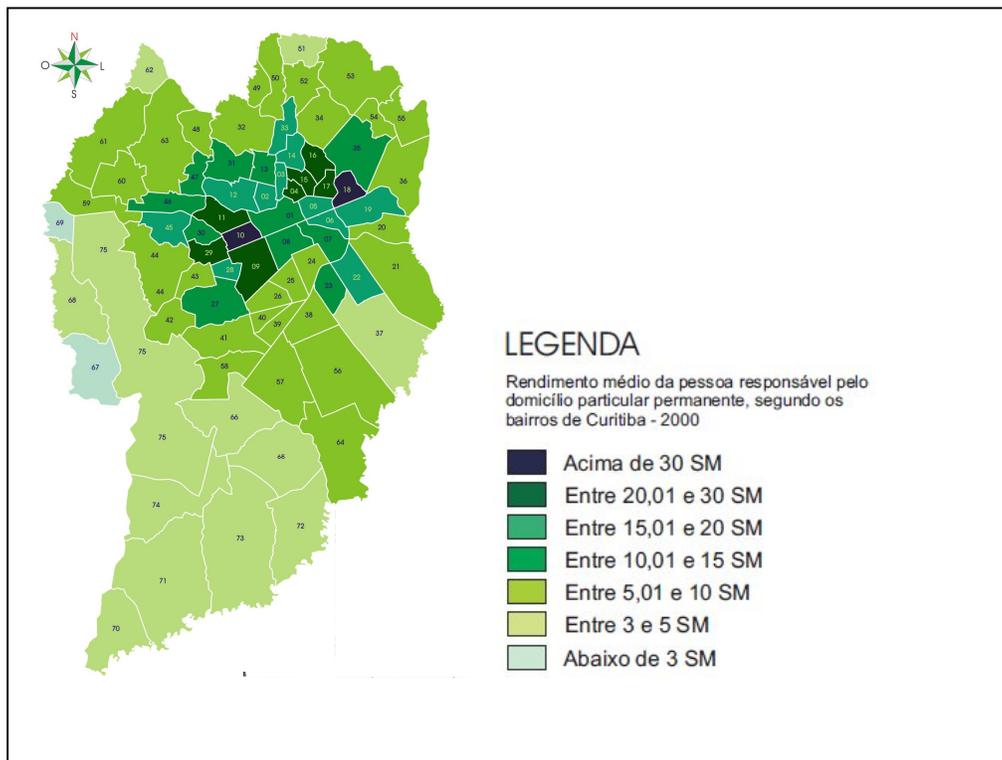


FIGURA 2 - Renda mensal média em Curitiba  
Fonte: IPPUC (2008)

A porção centro-sul da cidade de Curitiba se encontra desassistida no que concerne a uma política de parques urbanos municipais. É esta a área que se encontra mais carente de parques com equipamentos de lazer gratuito, pois é, paradoxalmente, também nela que se concentra grande parte da população de mais baixa renda do município. Para Ganz (2003), apesar da implantação de vários parques em Curitiba, a maioria deles se localiza em regiões pouco adensadas e de população com maior poder aquisitivo, sendo que os bairros distantes se apresentam populosos, violentos e necessitados de áreas verdes e de lazer.

Tal evidência pode ser confirmada na pesquisa realizada por Hildebrand (2001), na qual foram analisadas as distâncias de deslocamento aos principais parques da cidade e a frequência dos usuários em função dos bairros de origem. Os resultados mostraram uma

maior apropriação por parte dos moradores do entorno, sendo que o raio médio de deslocamento para os principais parques da cidade foi de 4 km. Quanto menor à distância percorrida, maior foi a frequência de usuários entrevistados, mostrando uma relação inversamente proporcional entre as variáveis.

A autora também destaca em seus achados o fato de que os entrevistados, usuários dos seis parques pesquisados, eram moradores de várias regiões da cidade. Do total de bairros de Curitiba apenas 21,3 % não foram relatados nas entrevistas. Segundo Hildebrand (2001), o fato de esses parques receberem pessoas de muitos lugares diferentes pode ser indicativo de carência de parques em determinadas regiões.

### **Considerações Finais**

Para tentar responder às propostas iniciais deste trabalho, iniciamos o nosso estudo com as discussões sobre o planejamento urbano da cidade e a concepção de parques adotada por Curitiba. Tal levantamento nos fez perceber que “a implementação de um grande número de espaços dessa natureza em Curitiba deu origem à marca identitária: ‘Curitiba, cidade dos parques’” (RECHIA, 2003, p. 173). No entanto, a autora aponta para algumas contradições nesse processo e relata que esses espaços foram vinculados a características de diferentes etnias e a projetos culturais adicionais, os quais, segundo a autora, tinham como objetivo criar uma identidade e conferir vitalidade a esses lugares, transformando-os em pontos de encontros dos curitibanos.

Para Rechia (2003), as discussões teóricas que apontam a busca por marcas identitárias surgem como um pressuposto para atrair público e investimentos, entre outras, que não refletem as reais necessidades da população local. Tal fenômeno pôde ser

observado conforme nos aproximamos da realidade em torno de nossos questionamentos iniciais e nos deparamos com dimensões muitas vezes contraditórias e conflituosas com relações de forças e hegemonias, envolvendo as políticas públicas na organização da cidade, dos parques e de outras UC's.

Mesmo considerando os conflitos e as contradições desse modelo de planejamento urbano, nosso trabalho vem a ressaltar a pesquisa de Rechia (2003), pois se torna indispensável reconhecer que a criação desses ambientes, além de ter preservado grandes áreas verdes no interior da cidade, evitou a habitação nos fundos de vale, preservou as matas ciliares e, através de seus lagos artificiais, regulou a vazão dos rios que cortam a cidade em períodos de enchentes. Tais espaços oportunizaram ainda muitas experiências no âmbito do lazer e da cultura, passando a se constituir em territórios privilegiados da cidade, o que de certa forma lhes confere uma identidade peculiar com aspectos positivos para a comunidade local e um avanço no planejamento urbanístico de Curitiba (RECHIA, 2003).

Percebe-se que há medidas concretas em relação à preservação ambiental de Curitiba. Embora algumas controvérsias, apresentadas nesse artigo, estas ações demonstram uma preocupação do poder público em estabelecer relações entre o planejamento da cidade, o modelo adotado de parques públicos e as preocupações ambientais. Nesse sentido, Curitiba é reconhecida pelos cenários naturais preservados aos quais se associam equipamentos de lazer, materializados por projetos de intervenção urbanística arquitetonicamente pensados.

No que se refere às questões enunciadas no início deste trabalho e outras tantas que surgiram ao longo do percurso, muito ainda está por ser desvelado e as considerações apresentadas nesse momento buscam concluir temporariamente esta pesquisa, sobretudo

tendo em vista a importância da ampliação dos debates. Não obstante a população da cidade parece ter adotado os parques como um importante equipamento para as realizações no tempo/espaço de lazer, fazem-se necessários novos estudos, sobretudo de caráter empírico, a fim de reconhecer quais os sentidos e significados atribuídos pelos usuários dos parques da cidade diante de tais equipamentos para que novas políticas públicas em relação ao planejamento, organização e dinamização dos espaços públicos de esporte e lazer dos parques da cidade sejam implantadas.

## REFERÊNCIAS

CAGNATO, E. V. **Praça Afonso Botelho: O Foco das Observações no Âmbito do Esporte e Lazer.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2007.

COUTO, I. C. Olhares da cidade: Curitiba e suas representações. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, n. 28, FCHLA 04, p. 225-247, mar. 2002.

CURITIBA, Site oficial da Prefeitura Municipal de Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.org.br>>. Acesso em: mar. 2009.

FRANÇA, R. **Diálogos Entre Oferta e Demanda: Uma Análise da Relação Entre o Poder Público e os Grupos de Ativismos Sociais Referentes aos Parques da Cidade de Curitiba.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 2007.

GANZ, S.; AGUDELO PERALTA, L. P.; CHEROBIN, P. **Curitiba, a Capital Ecológica, sob o olhar da Biologia.** Disponível em: <[http://www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/comunicacoes/curitiba\\_a\\_capital.pdf](http://www.ppgte.cefetpr.br/semanatecnologia/comunicacoes/curitiba_a_capital.pdf)>. Acesso em: 2003.

GOIÂNIA, Site oficial da Prefeitura Municipal de Goiânia, disponível pelo endereço <http://www.goiania.org.br>. Acesso em: mar. 2009.

HILDEBRAND, E.; GRAÇA, L. R.; MILANO, M. S. Distância de deslocamento dos visitantes dos parques urbanos em Curitiba-Pr. **Floresta e Ambiente**, v. 8, n. 1, p. 76-83, jan./dez. 2001.

CURITIBA. IPPUC. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Bosques e Parques de Lazer e Preservação em Curitiba – 2008.** Curitiba: Departamento de parques e praças, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

KRUCHELSKI S.; RAUCHBACH R. (Org.). **Curitibativa gestão nas cidades voltada à promoção da atividade física, esporte, saúde e lazer**: Avaliação, prescrição e orientação de atividades físicas e recreativas, na promoção de saúde e hábitos saudáveis da população curitibana. Curitiba, 2005.

MENDONÇA, F. Aspectos da problemática ambiental urbana da cidade de Curitiba/PR e o Mito da capital ecológica. **Revista Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 12, 2002.

MOURA, R. O Turismo no Projeto de Internacionalização da Imagem de Curitiba. **Revista Turismo - Visão e Ação**, v. 9, n.3, set./dez. 2007.

OLIVEIRA, M. A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000). **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 97-106, jun. 2001.

RECHIA, S. Espaço e planejamento urbano na sociedade contemporânea: políticas públicas e a busca por uma marca identitária de Curitiba. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 49-66, set./dez. 2005.

RECHIA, S. **Parques Públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer. 2003. Tese (Doutorado). UNICAMP, Campinas, 2003.

REIS, R. S.; PETROSKI, EL. Universidade Federal De Santa Catarina. **Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba**: uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários. 2001. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

SOUZA, N. R. Planejamento Urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha d cidade. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 16, p.107-122,2001.

### **Endereço dos Autores:**

Marcelo Ponestki Oliveira  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Centro de Teologia e Ciências Humanas,  
Departamento de Educação Física.  
Imaculada Conceição - Prado Velho  
Curitiba - PR - 80215-901  
Endereço Eletrônico: marcelo.o@pucpr.br

Simone Rechia  
Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Biológicas

Departamento de Educação Física.  
Centro Politécnico Jardim das Américas  
Curitiba – PR - 81530-900  
Endereço Eletrônico: [simone@ufpr.br](mailto:simone@ufpr.br)